

4

Os blogs e os critérios de noticiabilidade

4.1

A notícia como problema

Não há nos manuais de redação dos principais jornais do país uma definição única do que seja notícia, tampouco uma lista de assuntos considerados dignos de publicação. Os próprios jornalistas costumam ter dificuldade de definir quais são os critérios que usam para escolher o que entra numa edição e o que fica de fora. Segundo Nelson Traquina (2002, p. 171), quando perguntados sobre o que é notícia, os profissionais da área costumam usar definições vagas, do tipo “o que interessa ao público” ou “o que é importante”. Ele diz que muitos parecem acreditar que exista, entre os jornalistas, uma capacidade intrínseca de discernir o que é notícia do que não é.

Entretanto, uma série de estudos sociológicos que o autor apresenta mostram a existência de um padrão geral bastante estável e previsível quanto à seleção de notícias nos veículos de imprensa tradicionais. Isso ocorre, ainda de acordo com Traquina, em função da existência de determinados critérios de noticiabilidade, isto é, de valores compartilhados entre os jornalistas quanto ao que seja notícia. Mauro Wolf define a noticiabilidade de um evento como “sua ‘aptidão’ para ser transformado em notícia” (2005, p. 195). Ainda segundo o autor,

Pode-se dizer também que a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias. (Wolf, 2005, p. 196)

O historiador Mitchell Stephens (apud Traquina, 2002) analisou notícias em três momentos diferentes, na Europa (anos 70 do século XX, anos 30-40 do século

XIX e as primeiras décadas do século XVII), e encontrou critérios bastante estáveis de noticiabilidade. Nas diferentes fases históricas do jornalismo, os assuntos abordados mudaram pouco, embora a forma de narrá-los possa ter sofrido modificações. Os temas tratados foram: o extraordinário, o insólito, o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte.

Tais conclusões contrariam a idéia de Ricardo Noblat (2006, p. 31), de que “notícia na verdade é tudo que os jornalistas escolhem para oferecer ao público”. Os jornalistas teriam, sim, uma possibilidade de escolha quanto aos assuntos abordados, mas dentro do espectro limitado dos critérios de noticiabilidade.

Wolf cita Altheide para se contrapor à idéia explicitada por Noblat:

As notícias são o que os jornalistas definem como tais. Essa tese raramente é explicitada, visto que parte do *modus operandi* dos jornalistas é que os eventos ocorrem “fora”, e os primeiros limitam-se, simplesmente, a relatá-los. Em contrapartida, sustentar que os jornalistas fazem ou selecionam arbitrariamente as notícias seria contrário à sua posição epistemológica, uma teoria implícita do conhecimento, construída com base em procedimentos práticos para resolver exigências organizacionais. (Apud Wolf, 2005, p. 196)

A partir dessa perspectiva, Wolf diz que notícia é tudo o que, tornado pertinente pela cultura profissional dos jornalistas, é suscetível de ser trabalhado como tal pelo aparato de produção, num processo que envolve por um lado uma cultura profissional⁵⁸ forte e, por outro, restrições ligadas à própria organização do trabalho. Mas será que tais conclusões são aplicáveis aos blogs?

Interessa-nos entender: 1) se os critérios usados na grande imprensa para escolher o que noticiar se aplicam também aos blogs aqui tomados como objeto de estudo; 2) se há diferença quanto ao modo de narrar esses fatos nesses veículos.

Os blogs analisados neste trabalho são feitos por jornalistas que passaram a maior parte de suas carreiras trabalhando para a grande imprensa e, portanto, compartilham com os profissionais desses veículos o mesmo código profissional e os

⁵⁸Gabarino define cultura profissional como “um emaranhado inextricável de retóricas de fachada e astúcias táticas, de códigos, [...] relativos às funções da mídia e dos jornalistas na sociedade, à concepção do produto-notícia e às modalidades que controlam sua confecção. Posteriormente, a ideologia se traduz numa série de paradigmas e práticas profissionais adotadas como naturais.” (apud Wolf, 2005, p. 195)

mesmos valores-notícia. Nessa medida, seria possível supor que adotariam, em seus blogs, os mesmos critérios de noticiabilidade que os jornais para os quais seus autores já trabalharam. Por outro lado, ao incorporarem a visão pessoal de seus autores como característica-chave, os blogs ganham uma dinâmica própria, distinta da que existe nos jornais. Nesse espaço, cabe ao jornalista usar sua subjetividade para escolher como se colocar, que linguagem usar e também sobre o que falar.

O blogueiro é o *publisher* dele mesmo⁵⁹ e tem a chance de escrever sobre um assunto ainda que acredite que seu patrão e seus colegas de profissão não considerem que ele tenha os elementos de uma notícia clássica. Em tese, está livre para levar ao leitor informação sobre o que quer que julgue interessante. Ou ainda o que quer que acredite que seu público irá achar interessante. Mas será que o jornalista-blogueiro consegue ou tem interesse em se desvencilhar dos critérios de seleção que interiorizou ao longo de sua carreira para colocar tal liberdade em prática?

Tanto Josias de Souza quanto Ricardo Noblat nos disseram que usam, em seus blogs, os mesmos critérios de noticiabilidade de um jornal ou qualquer outro veículo jornalístico. Disse Souza: “O que caracteriza uma notícia é a sua relevância, o seu ineditismo e o interesse público de que está revestida. Isso vale para qualquer meio de comunicação – jornais, revistas, rádios, TVs... Vale também para o blog”. (*Portal Imprensa*, 29 nov. 2006)

Já Noblat afirmou, com palavras muito semelhantes às registradas em seu livro, que notícia é tudo que os jornalistas escolhem oferecer ao público – no blog ou fora dele, sem distinção. A liberdade possível nos blogs não afetaria os tipos de conteúdo por eles noticiados. Trata-se de uma resposta complexa, a de Noblat. Estaria o jornalista simplificando excessivamente o processo que leva à escolha dos assuntos publicados nos veículos de comunicação ou, em vez disso, procurando expandir o conceito de notícia?

Apenas Jorge Bastos Moreno disse que usa, para escolher os conteúdos de seu blog, critérios diferentes dos que aplica no jornal. Moreno afirmou que no blog pode

⁵⁹Essa é uma idéia consensual entre os blogueiros entrevistados embora, dos três, apenas Ricardo Noblat tenha escrito em contrato que tem ação independente do *Estadão*, inclusive do ponto de vista jurídico.

se dar ao luxo de abandonar por completo determinados assuntos tidos como relevantes para os jornais e falar do que está com vontade. Um exemplo citado em sua entrevista ilustra o quanto se sente livre em relação aos temas de que trata. No dia do depoimento em que o deputado Roberto Jefferson denunciou prática de corrupção no governo Lula – provavelmente o principal fato político do ano de 2005 – Moreno abandonou a cobertura para acompanhar uma doença súbita da atriz Malu Mader. Foi criticado por vários leitores, mas isso não fez com que mudasse de idéia. De tempos em tempos escreve em seu blog que ali ninguém o pauta: padrões nem leitores. Como no *post* abaixo, em que faz do blog um espaço para discutir a própria prática jornalística.

Pendências com leitores

[...] Às vezes me cobram: você não vai escrever sobre a lista de Furnas? Sobre privatização de FH? E, agora, sobre Alckmin e a Nossa Caixa? Sobre Celso Daniel? Sobre o filho de Lula? Sobre o Arcaño? Sobre a prima da comadre da amiga da filha de Lula? Nem meus superiores me pautam tanto. Eu escolho temas que considero interessante tratar. [...] (Blog do Moreno, 27 mar. 2006)

A arbitrariedade de escolha temática que Noblat vê nos jornais ou fora deles, Moreno vê apenas no blog. Apenas ali ele sente que pode expor livremente suas idéias a respeito de temas que muitas vezes estão fora da ordem do dia. A relação com os leitores, discutida nem sempre com palavras amenas, é um deles.

Essa diferença de posicionamento em comparação a Souza e Noblat pode estar relacionada ao próprio tipo de relação que o blogueiro estabeleceu com o portal Globo On Line. Dos três jornalistas, Moreno é o único que não tem a escrita do blog como principal ocupação profissional. Já escreveu vários *posts* dizendo que não recebe pagamento extra pelo blog e deixa claro que tem liberdade para abandoná-lo quando quiser⁶⁰.

Para avaliar se há diferenças entre os critérios de noticiabilidade nos blogs e nos jornais e, em caso positivo, descobrir quais são elas, se faz necessário analisar os

⁶⁰A opinião desses profissionais acerca do próprio trabalho nos dá pistas para prosseguir, mas não basta aos questionamentos aqui levantados. Muitas vezes, suas falas provocam novas perguntas, que enriquecem a presente análise, mas estão longe de esgotar o assunto.

principais critérios de noticiabilidade. A proposta aqui não é classificar os textos dos blogs analisados em busca de novos critérios. O que se pretende é partir de uma classificação existente para avaliar se ela se aplica aos blogs e, no caso dos textos que fogem ao padrão, tentar compreender por que isso acontece. Tal processo nos conduz a uma questão fundamental, introduzida no capítulo anterior: como classificar os conteúdos que não se enquadram nesses critérios? O passo seguinte é, a partir de algumas das principais teorias do jornalismo, discutir a forma como tem sido vista a relação entre os jornalistas e as notícias.

4.2

Os critérios de noticiabilidade, segundo Traquina

Entre os autores (Wolf, 2005; Galtung e Ruge apud Traquina, 1993) que se dedicaram a mapear as notícias de jornais, traçando critérios de noticiabilidade, escolhemos o autor português Nelson Traquina para tomar como referência. Com base no estudo já mencionado, de Stephens, e em duas abrangentes pesquisas sociológicas que procuraram destrinchar os critérios que fazem com que um assunto seja noticiável, bem como na seleção proposta por Mauro Wolf (2005), Traquina definiu, ele próprio, um conjunto de valores-notícia. Esse detalhamento é útil para que possamos compará-los aos observados nos blogs de Ricardo Noblat, Josias de Souza e Jorge Bastos Moreno.

Como Wolf, Traquina considera que os valores-notícia estão presentes nas diferentes etapas da produção jornalística – não só na seleção dos acontecimentos, como também na própria elaboração de uma notícia – e por isso, julga necessário distinguir os valores-notícia presentes nesses dois momentos.

Os valores-notícia de seleção são aqueles que, como o nome indica, referem-se a critérios que os jornalistas utilizam no momento de selecionar, entre tudo que aconteceu num dia, o que merece ser publicado. Estão divididos em dois subgrupos de critérios: os substantivos, que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento

conforme sua importância, e os contextuais⁶¹, que se referem ao contexto de produção da notícia. Por exemplo, a concorrência com outros jornais, a facilidade de se fazer determinada cobertura e a comparação com as outras notícias do dia. Existem ainda os valores-notícia de construção⁶² – aqueles utilizados na fase de elaboração de notícias já previamente consideradas dignas de fazer parte de uma edição.

No manual teórico que elabora para falar da prática jornalística, Traquina (2002) diz que não há uma hierarquia clara de certos critérios de noticiabilidade sobre outros e lembra que uma mesma notícia pode atender a vários critérios ao mesmo tempo. Outro ponto relevante destacado pelo autor é a influência, tanto na seleção das notícias quanto na sua forma de construção, da política editorial das empresas jornalísticas.

Procuramos associar os critérios gerais de noticiabilidade traçados por Traquina à realidade específica das editorias de política. Dessa forma, nos parece possível estabelecer uma relação mais próxima desses critérios com os vigentes nos blogs pesquisados que, afinal, tratam de política.

4.2.1

Os valores-notícia de seleção

Critérios substantivos (relacionados à avaliação direta do acontecimento)

- Morte. Assassinatos, atentados, acidentes e tragédias são sempre assunto de interesse da imprensa. Quanto mais mortos, mais destaque costuma ganhar a notícia.

Nos blogs: O assunto morte é tão marcante no imaginário do jornalismo/dos jornalistas que apesar de os três veículos analisados nesta dissertação serem blogs de política, todos falaram do acidente aéreo que, no dia 29 de setembro de 2006, antevéspera do primeiro turno das eleições presidenciais, matou 149 passageiros e seis tripulantes do voo 1907 da companhia aérea Gol. Jorge Bastos Moreno mencionou a tragédia no dia 30, no último parágrafo de uma nota sobre política

⁶¹Não se aplica ao escopo deste trabalho o detalhamento desse segundo subgrupo de critérios traçado por Traquina.

⁶²Dos cinco critérios de construção abordados por Traquina, abordaremos os três que dizem respeito diretamente ao escopo deste trabalho.

chamada “Vamos votar”. Disse que o país estava em comoção por causa do acidente, mas que, apesar da tristeza, se fazia necessário “cumprir o dever cívico do voto”.

Josias de Souza tocou no assunto dia 30, numa nota que tinha como tema principal um acidente de helicóptero envolvendo três políticos. Ricardo Noblat foi o que deu o maior destaque ao tema. Publicou a primeira nota sobre o desaparecimento do avião, intitulada “Cai avião da Gol no sul do Pará”, às 21 horas do dia 29 e passou a madrugada informando novidades sobre as buscas. Ainda no dia 29, publicou 14 *posts* sobre o assunto, entre pequenas notas apuradas pelo próprio blog, notícias retiradas de outros veículos, foto e uma nota oficial da companhia aérea. No dia 30 publicou outros 7 *posts* sobre o assunto, entre eles um com a lista completa dos passageiros que estavam no vôo.

- Notoriedade. Quanto mais importante ou famosa é uma pessoa, mais o que acontece a ela interessa. Muito freqüentemente, até mesmo acontecimentos cotidianos na vida de determinadas personalidades são tidos como notícia na grande imprensa, por exemplo a bursite do presidente Lula (jan. 2003).

Nos blogs: Ali, como nos grandes jornais, as notícias sobre personagens conhecidas da política ocupam parte importante do noticiário: o presidente Lula, seus adversários na disputa presidencial, ministros de estado, os deputados e senadores mais influentes, os governadores dos estados de maior importância econômica. Em geral, não se vê o ponto de partida de uma notícia ser o problema de um cidadão comum. Mesmo nos textos mais analíticos, não se parte do micro (o cotidiano) para o macro (as decisões políticas tomadas pelas personalidades do Executivo, Legislativo e Judiciário). Notas a respeito de pessoas que não sejam notórias aparecem uma vez ou outra, quase sempre no contexto de algum outro critério de noticiabilidade.

- Proximidade. Diz Traquina (2002) que, sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais, o que acontece mais próximo tem mais chances de ser noticiado. Em política, contudo, o princípio não se aplica de todo. Pelo menos no eixo Rio–São Paulo, a política das instâncias municipal e estadual de governo do

local onde um jornal é sediado costuma obter mais espaço do que a política de outros estados e municípios. Sendo assim, *O Globo* privilegia os acontecimentos políticos do Rio de Janeiro e a *Folha de S. Paulo*, os de São Paulo. Por outro lado, o que ocorre no âmbito federal ganha bem mais destaque do que as decisões das instâncias decisórias de estado e municípios, teoricamente mais “próximas”.

Nos blogs: Embora não dependam de uma distribuição física, podendo ser acessados indistintamente de qualquer parte do país onde haja infra-estrutura apropriada, os blogs reproduzem em grande medida a cobertura dos jornais a que estão vinculados. A política nacional também tem bem mais peso do que decisões no âmbito estadual ou municipal. Textos sobre políticas locais quase sempre dizem respeito a seus estados de origem. Josias de Souza, ligado a um veículo sediado em São Paulo, fala mais das eleições nesse estado; Jorge Moreno, ligado a um veículo do Rio, trata mais da disputa no Rio do que seus rivais. No Blog do Noblat esse vínculo é menos perceptível. Mesmo para ele, porém, o que acontece fora do eixo Rio–São Paulo só costuma ganhar espaço quando tem repercussão clara para todo o país – ou seja, quando se enquadra no critério relevância, descrito a seguir.

- Relevância. Este critério diz respeito ao impacto de um acontecimento na vida das pessoas: quanto maior a possível repercussão, mais chances um fato tem de ser noticiado. Por exemplo, a aprovação de uma lei relacionada à aposentadoria de milhares de brasileiros tem mais chances de sair no jornal do que a aprovação de uma lei que trate de um tema mais específico, de repercussão restrita a um número reduzido de pessoas.

O critério relevância também pesa nos blogs. Quando perguntamos a Souza que critérios ele usa para escolher o que noticiar no blog, ele citou relevância em primeiro lugar. O segundo e o terceiro critérios citados foram ineditismo (que Traquina classifica como “novidade”) e capacidade de despertar interesse público. Quem mais se arrisca a tratar de temas alternativos, sem repercussão nítida na vida dos leitores, é Moreno que, como vimos, tem uma proposta um pouco diferenciada da de seus concorrentes. Muitas notas de seu blog têm um apelo mais

irônico/humorístico do que noticioso. Possivelmente por isso, ele muitas vezes trata de assuntos sem nenhum impacto direto na vida dos leitores, como a própria insônia ou sua paixão por certas (lindas) atrizes. Ele costuma misturar o sério com o cômico, o relevante do ponto de vista jornalístico com o banal.

- Novidade. Interessa o que nunca aconteceu antes.

Nos blogs, a novidade também funciona como critério relevante de seleção. Interessa tanto o novo quanto o olhar sobre o novo. É muito comum os jornalistas escreverem suas próprias opiniões sobre acontecimentos novos, mas que já foram abordados pelos jornais ou noticiários *online*. Como nos jornais, o critério de novidade também aparece sob a forma de furo⁶³ jornalístico. “Furo nunca vai sair de moda”, nos disse Ricardo Noblat que é, dos três jornalistas em foco, quem mais o persegue, no próprio blog.

- Tempo. Critério que assume a forma da atualidade, mas também dos aniversários de acontecimentos passados: o primeiro ano de um governo, o centenário de um acontecimento histórico etc.

Nos blogs: A grande maioria dos *posts* publicados se referem a acontecimentos atuais ou que têm uma relação forte com algo que está acontecendo. As exceções à regra são encontradas sobretudo no blog do Moreno que é, dos três jornalistas, o único que costuma narrar fatos de sua vida profissional e às vezes pessoal. O jornalista parece ver o passado como fonte de sabedoria para o presente e não raro, retoma tópicos fora da ordem do dia.

A atualidade de um *post*, no entanto, pode não estar explícita num texto. Por exemplo, ao publicar em seu blog os versos de Lanterna dos Afogados, momentos antes do depoimento que derrubaria o então ministro da Fazenda Antônio Palocci do cargo, Jorge Bastos Moreno estabeleceu uma relação implícita de atualidade.

⁶³No jargão jornalístico, o furo é a matéria ou reportagem que nenhum outro veículo tem.

- Notabilidade. Esse critério diz respeito à qualidade de um fato ser visível e tangível. Por isso uma greve é noticiada, mas dificilmente as condições de trabalho de um determinado grupo profissional estarão estampadas nas páginas de um jornal, segundo Traquina (2002). A notabilidade de um acontecimento pode se dar pela quantidade (quanto maior o número de pessoas que um acontecimento envolve, maior também é a chance de ele ser noticiado), a inversão (o que é contrário ao “normal” – aqui se enquadra o famoso exemplo do dono que morde o cão), o insólito, a falha (acidente de avião, foguetes que explodem no espaço) ou o excesso/escassez (temperatura baixa no verão ou alta no inverno etc).

Nos blogs: À medida que se configuram como espaços de discussão e análise, os blogs se arriscam muitas vezes a tratar de temas que nem sempre são claramente tangíveis. Nesse ponto, suas narrativas se assemelham mais a artigos assinados nos quais implicações mais abrangentes dos acontecimentos são discutidas. Ali, o mesmo *post* pode noticiar uma greve e discutir condições de trabalho. Ricardo Noblat nos disse considerar que uma das melhores coisas do blog é justamente a possibilidade de misturar diferentes gêneros jornalísticos: “Num mesmo *post* posso dizer que o Lula ganhou a eleição, por que ele ganhou e em seguida dar minha opinião. Tudo isso numa mesma nota. Não é que eu tenha que fazer isso, mas ninguém me proíbe. Não tem regra”, explicou Noblat.

O *post* de Josias de Souza, reproduzido a seguir, funciona como exemplo de conteúdo que se propõe a discutir um tema fundamental, mas que não é facilmente tangível para o leitor: a influência da propaganda eleitoral sobre os eleitores.

Cuidado, instalaram uma sonda na sua cabeça

Começa daqui a dez dias a campanha eletrônica. Candidatos vão ao rádio e à TV para seduzir você. Será o teatro de praxe. Redobre a atenção. A experiência demonstra que, numa disputa presidencial, por vezes, elege-se a melhor encenação, não o melhor presidente.

Os candidatos vão desfiar diante dos microfones e das câmeras os programas de governo. Programas são mais efeitos especiais do que substância. [...] É provável que você se identifique com várias propostas dos candidatos. Desgraçadamente, isso não quer dizer nada. As modernas técnicas do marketing político põem ao alcance dos comitês de campanha ferramentas sofisticadas. Uma delas, chamada no jargão publicitário de “pesquisa qualitativa”, permite aos candidatos instalar uma sonda na cabeça do eleitor. [...]

Se escolher um presidente defeituoso, terá de consumi-lo por quatro anos. Portanto, atenção. Muita atenção. (Nos bastidores do poder, 3 ago. 2006)

- Inesperado. Aquilo que surpreende a expectativa da comunidade jornalística. O exemplo clássico, citado por Traquina, é o ataque às torres gêmeas do World Trade Center – notícia que se enquadra também em critérios como morte, novidade e notabilidade.

Também nos blogs, o inesperado é critério relevante, tanto nos *posts* noticiosos quanto nos de cunho mais analítico. Um exemplo recente de surpresa que pautou blogs e jornais impressos foi a eleição, em primeiro turno, do petista Jacques Wagner como governador da Bahia, quando todas as pesquisas eleitorais apontavam a vitória do pefelista Paulo Souto, candidato à reeleição. O resultado do primeiro turno das eleições no Rio Grande do Sul também foi surpreendente. O governador Germano Rigotto (PMDB), apontado como líder nas pesquisas, ficou de fora do segundo turno, que acabou disputado pelo petista Olívio Dutra e a tucana Yeda Crusius.

- Conflito ou controvérsia. Interessam ao jornalismo violência física ou simbólica.

Como os jornais, os blogs noticiam a violência com interesse. O quebra-quebra que o Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST) promoveu no Congresso Nacional em 6 de junho de 2006 teve destaque nos blogs de Josias, Moreno e Noblat, bem como nos principais jornais. A diferença entre os textos publicados nos jornais e nos blogs está mais na forma do que no conteúdo. A notícia reproduzida a seguir, da *Folha de S. Paulo*, apresenta uma versão mais informativa do ataque – embora o uso de palavras como “vandalismo” e “depredar”, de forte carga negativa, deixem transparecer que o jornal foi contra a ação. A tomada de posição contra o quebra-quebra é bem mais explícita nos blogs, como ilustram os exemplos.

Sem-terra são detidos após invadir e depredar Câmara

Pelo menos 549 pessoas que participaram do ato foram presas pela PM; 11 supostos líderes devem ser autuados por tentativa de homicídio

Manifestantes do MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terra), um grupo dissidente do MST, protagonizou ontem um dos maiores atos de **vandalismo** contra o Congresso ao invadir e **depredar** a Câmara dos Deputados.

No confronto com seguranças da Câmara, pelo menos 41 pessoas – entre policiais, manifestantes e servidores – ficaram feridas, uma delas gravemente. Um carro foi jogado pelos sem-terra contra uma das entradas do Congresso. [...] (*Folha de S. Paulo*, 7 jun. 2006. Grifos nossos)

Turba de sem-terra invade a Câmara e fere 41

Uma turba composta por militantes do MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terra), dissidência do MST, invadiu nesta terça-feira as dependências da Câmara dos Deputados. A horda muniu-se de paus e pedras. Até um automóvel foi usado na invasão. [...]

Agressão desse tipo é coisa que jamais havia ocorrido no Congresso. Em dado instante, os manifestantes fizeram um cordão humano em torno do plenário da Câmara, sitiando os parlamentares. Nada menos do que 539 pessoas participaram da algazarra⁶⁴, das quais 42 eram menores de idade. [...]

Além da desordem, a baderna produziu cerca de 41 feridos. [...]

Representantes dos arruaceiros queriam ser recebidos por Aldo Rabelo (PC do B-SP), presidente da Câmara [...] (Nos bastidores do poder, 6 jun. 2006)

Terrorismo X Ternura

A barbárie quebrou a poesia deste blog. O Congresso foi invadido por manifestantes. Um grande quebra-quebra.

Acompanhe tudo pelas mídias das Organizações Globo e comente aqui.

Retomemos então à (sic) delicadeza, à (sic) poesia do gênio das mulheres geniais dos post abaixo. Esqueçamos a brutalidade e nos concentremos na ternura da canção. (Blog do Moreno, 6 jun. 2006)

Cada um em seu estilo, Moreno e Souza deixaram muito clara sua opinião quanto à invasão. O título usado por Souza dá o tom do *post*. Em vez de dizer que sem-terra ou manifestantes invadem a câmara, usa o coletivo “turba”, que significa, segundo o dicionário Aurélio, “multidão em desordem”. Mais adiante, para se referir ao mesmo grupo, aplica outro coletivo pouco usado, “horda”, que segundo o Aurélio quer dizer “bando de aventureiros, de indisciplinados, de invasores etc”. Escolhe ainda as palavras “agressão”, “algazarra”, “desordem” e “baderna” para descrever a ação e chama os manifestantes de “arruaceiros”. Não resta ao leitor a menor dúvida

⁶⁴Aqui havia um link para a matéria da *Folha Online* sobre o assunto.

que, para Souza, o MLST não tem nenhuma legitimidade política. No dia seguinte, editoriais e artigos assinados nos principais jornais não foram tão enfáticos contra a invasão do Congresso quanto o blogueiro.

Moreno dá menos atenção ao assunto, mas também faz questão de marcar posição, associando a ação do MLST à “barbárie” e à “brutalidade”. Para se isentar de não entrar em detalhes sobre o assunto, recomenda que o leitor leia sobre ele “nas mídias das Organizações Globo”. Em seguida, retoma o tema para o qual sua atenção estava voltada no dia, a poesia de Caetano Veloso, que dera uma entrevista ao blog. Caetano é associado à ternura; o MLST, à barbárie.

- **Infração ou escândalo.** Quando há violação ou transgressão de normas. Por exemplo, a violação da quebra do sigilo bancário do caseiro Francelino Costa, a pedido do então ministro da Fazenda Antônio Palocci.

A notícia foi fartamente noticiada tanto nos principais jornais como nos blogs em foco. A principal diferença é que, nos blogs, os jornalistas se manifestaram de modo mais veemente contra o ex-ministro. Suas críticas foram mais pesadas do que as publicadas nos jornais, mesmo se considerarmos não só o noticiário factual, mas também editoriais e colunas. A cobertura do escândalo do mensalão, que ocupou boa parte do noticiário político de blogs e jornais ao longo nos anos de 2005 e 2006, teve a mesma característica. De modo geral, os escândalos políticos tratados pelos jornais são assunto também dos blogs políticos. Outros exemplos: a Máfia das Ambulâncias⁶⁵ e da Máfia dos Vampiros⁶⁶.

⁶⁵Foi descoberta no fim de 2004 a existência de uma quadrilha operando em âmbito nacional para desviar dinheiro público destinado à compra de ambulâncias. A operação da Polícia Federal para desbaratar o esquema, que envolvia fraudes em licitações promovidas pelo Ministério da Saúde, foi chamada Operação Sanguessuga.

⁶⁶Esse escândalo está relacionado à descoberta de fraude na compra de hemoderivados para instituições públicas de saúde, desde 1997. A Polícia Federal iniciou as investigações sobre o assunto em maio de 2004.

4.2.2

Os valores-notícia de construção

Por serem utilizados na fase de elaboração de notícias já previamente julgadas dignas de fazer parte de uma edição, os valores-notícia de construção dizem respeito mais à forma de narrar do que ao conteúdo.

- Simplificação. Uma notícia facilmente compreensível é preferível a outra cheia de ambigüidades. Para facilitar a leitura da notícia, valem clichês e estereótipos. O texto deve ser simples e de fácil compreensão. Nas redações, costuma-se dizer que o jornalista deve escrever para a “Dona Maria”, leitora imaginária de pouca instrução, e que pode desistir da leitura caso se depare com explicações que lhe pareçam muito complicadas.

Nos blogs: Parte dos textos dos blogs que analisamos não consegue fugir do hábito de simplificar complexidades, que se estabeleceu no jornalismo brasileiro sobretudo após os anos 1950. É considerável, no entanto, o número de *posts* que consegue se diferenciar, estabelecendo conexões mais sofisticadas com a realidade.

É na fase de construção/redação que os jornalistas-blogueiros mais estabelecem diferenças em seus textos, na comparação com aqueles publicados nos jornais impressos. A maior liberdade estilística permite que utilizem, no momento de dar o formato final ao conteúdo veiculado, recursos de escrita pouco usuais nos jornais tradicionais. Isso parece facilitar o enfrentamento de determinadas ambigüidades normalmente deixadas de lado no noticiário do dia-a-dia da mídia impressa. Essa liberdade funciona como uma ferramenta que auxilia os jornalistas a encararem as complexidades.

No blog, o nobre espaço de discussão não está, como nos jornais, segregado às colunas e páginas de opinião, onde ficam artigos assinados e editoriais. Cada *post* pode ser um espaço de discussão de problemas muitas vezes ambíguos. Não que o texto dos blogs deixe de ser simples. Como diz Morin (2001), a complexidade não elimina a simplicidade; o que quer eliminar é o simplismo, a simplificação, a

superficialidade. Está aí talvez um dos maiores méritos dos blogs, o esforço para chegar a esse simples complexo; fazer jornalismo sem ter de “limpar” a realidade de suas contradições.

O *post* de Jorge Bastos Moreno reproduzido a seguir é um exemplo de texto que nos parece fugir da simplificação sem, contudo, deixar de ser escrito de forma simples e compreensível para o leitor. Foi posto no ar no dia seguinte ao seqüestro do repórter Guilherme Portanova e do auxiliar técnico Alexandre Coelho Calado, ambos da Tevê Globo, pelo grupo criminoso Primeiro Comando da Capital (PCC), em agosto de 2006. Na ocasião, os seqüestradores só liberaram o jornalista depois de a Rede Globo ter se comprometido a divulgar, em horário nobre, um comunicado do PCC. Meses antes, o grupo, que atua principalmente no Estado de São Paulo, realizou uma série de ataques que paralisou a capital paulista.

Em vez de um artigo convencional ou de uma nota factual a respeito do seqüestro de seus colegas de profissão, o jornalista demonstrou sua preocupação em relação ao crescimento da violência urbana e à vulnerabilidade dos cidadãos em formato de oração:

Senhor Deus dos desgraçados...

Estou com medo.

A ficha caiu.

Estou com medo.

Medo que tive da ditadura.

Mas lá a gente sabia quem era o inimigo.

Pânico, eis o que estou sentindo.

Há um governo paralelo no Brasil.

Uma instituição perigosa,
chamada “crime organizado”.

Ela contaminou todo o nosso tecido social.

De quem é a culpa?

É de todos nós. [...]

E que fazem os políticos para tentar nos tirar esse medo do crime organizado?

É só prestarmos atenção na campanha eleitoral. É uma disputa pra ver quem roubou menos. Um ex-presidente da República, Fernando Henrique, comete o escárnio de dizer que o PT está sendo mais corrupto no poder do que foi o PSDB. E o atual presidente da República, com a gravidade de ainda estar cumprindo um mandato e ameaça ter mais outro, comete um escárnio muito maior quando nos diz que agora sim é que vamos ver mais corrupção no governo porque seus homens estão agindo. [...]

Eu não estou aqui pra dar lição pra ninguém nem pra tentar corrigir o mundo. Estou só usando este espaço para gritar, com todo o medo que me vem a alma:

Proteja meus colegas e amigos que estão no *front* de batalha em São Paulo. E esse pedido não é mais para nenhuma autoridade terrestre. É para Deus mesmo! (Blog do Moreno, 14 ago. 2006)

Sem em nenhum momento citar o PCC em seu texto ou referir-se de modo direto à crise na área de segurança pública, o jornalista procura refletir sobre a violência que amedronta a população. O formato de oração dá o tom de que, para solucionar o problema, a ajuda divina se faz necessária. Moreno explicita que, como cidadão, é atingido pela realidade da qual está tratando e, como jornalista, se propõe a discutir o problema. Faz isso sem se concentrar em apontar um único culpado ou tentar dar a palavra final sobre o assunto. Num desabafo, diz que a culpa é de todos, e se propõe a discutir mais especificamente⁶⁷ a responsabilidade dos políticos quanto aos fatos em questão. Fala do cinismo da campanha eleitoral e do jogo de empurra que os dois principais partidos políticos do país travam em relação a suas próprias responsabilidades quanto ao aumento da violência.

O título do *post* estabelece ainda um intertexto com o célebre poema “Navio Negreiro”, no qual Castro Alves critica a escravidão no Brasil. O poeta baiano evoca Deus para perguntar, sobre os navios negreiros, “se é loucura... se é verdade tanto horror perante os céus” – um questionamento cabível também em relação à situação de violência que enredou a cidade de São Paulo em função dos ataques do PCC. Desgraçados são os escravos de que trata Castro Alves, subjugados aos brancos; desgraçados são também os cidadãos brasileiros, subjugados a organizações criminosas que subvertem as leis e a ordem. Parece-nos que essa forma de abordagem – complexa por não se amparar numa estratégia narrativa simplificadora, bem como por remeter a informações não mencionadas – enriquece a discussão em questão, complementando o noticiário mais factual predominante na grande imprensa.

⁶⁷No *post* em questão, o jornalista cita também o problema do enfraquecimento institucional e cita a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) como exemplo de organização civil que não tem a mesma importância do passado. Esta parte foi retirada do texto original porque tornaria a transcrição excessivamente longa.

- Dramatização. Trata-se do reforço dos aspectos mais críticos ou dramáticos de um acontecimento. O sensacionalismo é apontado como uma forma de dramatização.

Nos blogs: certo grau de dramatização pode aparecer tanto na própria narrativa dos blogueiros como nos títulos, como forma de chamar leitura. Um exemplo: no *post* que publicou antes de uma longa entrevista com o candidato à presidência da República Geraldo Alckmin, ainda durante a campanha eleitoral de 2006, Jorge Bastos Moreno colocou o título “‘Tenho amigos homossexuais’ – Alckmin, sem censura, só aqui. Breve!” Em seguida, o jornalista falou de sua própria posição sobre temas como aborto, prostituição infantil e homossexualidade para, no fim do texto, dizer:

Escrevi tudo isso aí para anunciar que em entrevista corajosa a este blog o candidato do PSDB à presidência da República Geraldo Alckmin trata de todas essas questões com a maior naturalidade. [...] Para que você pudesse ler tudo isso, tive que apelar para o sensacionalismo no título deste blog. Ninguém é de ferro. (Blog do Moreno, 29 ago. 2006)

O uso de palavras como “sem censura”, “só aqui” e “breve!”, usadas num tom de brincadeira, são uma forma de, como o próprio jornalista admite, atrair leitores pelo viés sensacionalista. Dos três blogueiros, Moreno é sem dúvida o mais dramático, até pelo fato de ser também o mais irônico, o que mais brinca com a notícia.

No texto citado, a forma como Moreno constrói a dramaticidade a partir da ironia torna-se parte fundamental do jogo de leitura. Em junho de 2006, durante a Copa do Mundo, chegou a anunciar o fim de seu próprio blog, em *post* intitulado “Fim de linha – aqui jaz um blog”. Num longo *post* cheio de frases de efeito, Moreno explicou que deixaria de escrever o blog por ter perdido prestígio no *Globo Online*. Queixava-se do fato de a empresa só vir dando destaque ao blog da Copa do Mundo, criado durante o mundial. Na ocasião, postou uma “carta-testamento”, inspirada na carta que o presidente Getúlio Vargas escreveu antes de se suicidar. Seguem alguns trechos de um longo *post*, recheado de palavras de duplo sentido, que deixou muitos

leitores em dúvida: Moreno ia mesmo terminar com o blog ou, mais uma vez, estava apenas brincando?

[...] aos que pensam que me derrotaram respondo com minha vitória. Era escravo do jornalismo e hoje me liberto para a gandaia eterna. Mas esse povo de quem meu bisavô foi escravo não mais escravizará um Moreno. [...] Lutei contra o blog do Noblat, lutei contra a espoliação do povo. [...] Eu vos dei minha vida, agora vos ofereço minha morte. Nada receio. Serenamente, dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio do blog para dar aula de História.
Mas o Calazans me paga! (Blog do Moreno, 11 jun. 2006)

É interessante a forma como Moreno cria a dramaticidade para em seguida subverte-la por meio da ironia. Afinal, a ironia cria uma ruptura com a idéia fundante do sensacionalismo jornalístico, que é parecer sério. Se no jornalismo tradicional drama (por meio do sensacionalismo) e comédia não costumam se encontrar, nos blogs os dois estilos compõem uma parceria profícua, que os leitores precisam decifrar com inteligência.

- Consonância. Segundo esse critério, quanto mais a notícia insere um acontecimento numa narrativa já estabelecida, mais facilmente será notada. Significa que a notícia deve ser interpretada num contexto já conhecido dos leitores; a novidade deve ser inserida num contexto familiar, com a mobilização de histórias que os leitores já conhecem.

Nos blogs, tal recurso narrativo é também bastante utilizado, mas é ampliado sobretudo em *posts* sobre temas de maior complexidade. A consonância pode ser estabelecida pelo jornalista no seu próprio texto, com referências a fatos que antecederam o assunto em questão, ou por meio de *hiperlinks* para outros textos já publicados na Internet sobre o assunto em discussão. Este recurso é bastante utilizado por Josias de Souza.

O *hiperlink* também pode ser usado como meio de complementar a informação narrada. No *post* que Souza redigiu sobre a sentença de morte ao ex-ditador Saddam Hussein em 8 de novembro de 2006, oito palavras do texto remetiam a *hiperlinks* na Internet. Alguns deles conduziam o leitor às matérias que a *Folha Online* publicou no mesmo dia acerca de assuntos correlatos e outros para

informações complementares, como por exemplo explicações sobre o nazismo e o facismo no *site* da Wikipédia.

- **Personalização.** Por personalizar uma notícia, pode-se entender valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento, acentuar o que Traquina chama de “fator pessoa”. Um dos objetivos desse recurso seria o de facilitar a compreensão do texto e agarrar o leitor. “Pessoas costumam se interessar por pessoas”, diz Traquina (2002, p. 199).

Nos blogs: Como nos jornais, é usual os blogs destacarem determinado acontecimento a partir de uma personagem específica que pode ou não ser alguém envolvido diretamente na política. No caso do *post* que reproduzimos a seguir, esse recurso é ampliado: funciona não apenas como facilitador de leitura e meio de criar identificação com o leitor, mas também como modo de atribuir contornos mais plurais à própria personagem destacada. Essa personagem é D. Eunice, a mãe de Ricardo Noblat. O gancho⁶⁸ para o jornalista contar uma terna reminiscência de sua mãe é o telefonema que a mãe de Caetano Veloso, Dona Canô, deu para cumprimentar o presidente Lula pela reeleição.

Mãe é mãe

Dona Canô, mãe de Caetano Veloso, cumprimentou Lula por telefone e informou-o sobre sua votação em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, onde ela mora. Ali, Lula teve 91% dos votos contra 9% de Alckmin.

Caetano não disse em quem votou no segundo turno. No primeiro, deu a entender que votaria em Cristovam Buarque (PDT), mas Gilberto Gil acha que ele votou em Alckmin.

Mãe é mãe e estamos conversados.

Lembrei da minha que já morreu. Nos anos 80, como colunista do Jornal do Brasil, bati duro no governo Sarney.

Meu tio, dom José de Medeiros Delgado, fora arcebispo do Maranhão por mais de 20 anos. Casara Sarney com dona Marly, batizara os três filhos deles e casara Roseana.

Estava morrendo em uma clínica do Recife e minha mãe velava por ele quando tocou o telefone do apartamento. Era Sarney, então presidente, querendo notícias.

Quando minha mãe se identificou como Eunice Noblat, Sarney perguntou:

– O que a senhora é de Noblat?

⁶⁸Por definição, o gancho é o pretexto que gera a oportunidade jornalística. Esses pretextos são, no fundo, os critérios de noticiabilidade.

- Sou mãe dele.
 - E, rapidamente, minha mãe acrescentou:
 - Mas gosto muito do senhor e ouço sempre seu programa semanal no rádio. Sarney espalhou a história em Brasília [...].
 - A senhora ouve o programa do presidente no rádio? – perguntei a minha mãe quando a encontrei no Recife.
 - Raramente – ela respondeu.
 - E por que a senhora disse ao presidente que ouvia?
 - É para que ele se lembre do que eu disse se pensar um dia em lhe fazer algum mal – respondeu. [...]
- Saudades de dona Eunice... (Blog do Noblat, 31 out. 2006)

O *post* de Noblat exemplifica também outros pontos em discussão neste trabalho, como a relatividade do critério da atualidade, nos blogs. A história de Dona Eunice ganha, ao longo de uma narrativa que mistura o gênero jornalístico ao literário, muito mais importância do que o fato noticioso que teoricamente é o principal da nota, o telefonema de dona Canô para Lula.

4.3

Um olhar ampliado

Fernando Resende (2002, p. 15) nos lembra que “a comunicação e o jornalismo, como campos de reflexão e prática, têm-se delineado a partir de um processo histórico cujos marcos e proposições se delimitam em questões da ordem de produção”. No jornalismo especificamente, os estudos concentraram-se no viés da construção da notícia – os critérios que determinam se um assunto é ou não noticiável, como vimos neste capítulo – ou dos conceitos que determinam suas práticas, como expusemos no capítulo anterior.

Ao longo do século XIX, quando floresceu o jornalismo, e na maior parte do século XX procurou-se pensar em por que as notícias são como são ora tomando como base pressupostos teóricos do funcionalismo ora da teoria crítica. Em ambos os casos, o emissor é tido como agente causador de determinados efeitos sobre um receptor a quem é atribuída pouca capacidade de reação. Nas últimas décadas do século XX, contudo, autores latino-americanos como Jesús Martín-Barbero e Néstor Canclini abriram, a partir de uma perspectiva culturalista, espaço para outras

epistemologias, “mais circulares” (Resende, 2002, p. 16), onde o receptor passa a ser abordado como alguém que participa efetivamente do processo de comunicação.

Esses autores não formulam propriamente teorias do jornalismo ou da comunicação, mas propõem um olhar ampliado para o processo comunicativo. Trata-se de uma perspectiva epistemológica bem distinta da constituída desde os primórdios do jornalismo.

A **teoria do espelho**, por exemplo, sustenta que as notícias espelham a realidade e vê o jornalista como alguém capaz de reproduzir fatos tal como ocorreram. Tais idéias, até hoje muito aceitas no meio jornalístico, foram formuladas a partir da ideologia profissional dos jornalistas ainda no século XIX quando, na tentativa de se legitimar, a profissão buscava um método científico de trabalho.

Em 1950 é formulada a chamada **teoria do gatekeeper**, considerada a primeira teoria acadêmica do jornalismo. David Manning White concebe o processo de produção da informação como uma sucessão de escolhas que o jornalista tem de fazer. Nesse processo, o fluxo de notícias deve passar por diversos *gates* (portões, em inglês, nesse caso áreas de decisão). Aos jornalistas – os *gatekeepers* – cabe filtrar as notícias que serão publicadas. No esforço para descobrir por que certas notícias são veiculadas e outras não, White conclui que a escolha é, em grande medida, arbitrária, dependente de juízos do próprio jornalista. (Traquina, 2002). Seguidor da mesma linha, Gieber (apud Wolf, 2005) refuta as conclusões de White, concluindo que o fator predominante sobre o trabalho jornalístico é o peso das normas profissionais e não as avaliações pessoais. De uma forma ou de outra, as análises se dão a partir de quem produz as notícias.

A **teoria organizacional**, também dos anos 1950, se propõe a estudar justamente a influência dos constrangimentos organizacionais sobre a atividade profissional do jornalista. As notícias seriam o resultado de processos de interação social que ocorrem dentro da empresa jornalística. Para o sociólogo Warren Breed (apud Traquina, 2002), sem se dar conta, o jornalista é socializado na política editorial da organização por meio de uma sucessão sutil de recompensa e punição. Por exemplo, as notícias que agradam a chefia costumam ser publicadas em páginas

de destaque, ao passo que aquelas que não estão de acordo com o que se espera podem deixar de ser publicadas ou ganhar espaço pequeno.

O autor identifica, por outro lado, alguns fatores que contrabalançam essa tendência ao conformismo. Por exemplo: os diretores de jornais não têm como acompanhar os jornalistas nas andanças e telefonemas que envolvem o processo de apuração. Sendo assim, o jornalista pode muitas vezes escolher quem entrevistar, que perguntas fazer, que citações anotar e que tom dar às notícias. Esses fatores indicariam que os controles que levam ao conformismo com a política editorial da empresa jornalística podem ser ultrapassados.

As chamadas **teorias da ação política**, formuladas nos anos 1960 sob a influência do marxismo, refletiram no campo da comunicação o interesse acadêmico das ciências humanas de modo geral acerca da ideologia. Nessa linha, foram desenvolvidos, já nos anos 70, os chamados estudos da imparcialidade, que procuravam avaliar o nível de objetividade de coberturas noticiosas diversas. Aceitando a idéia de que é possível reproduzir de modo fiel a realidade, essas pesquisas procuravam avaliar se houve ou não distorção dos fatos narrados pela mídia. Nesses estudos, os meios de comunicação são vistos pela esquerda como instrumentos de manutenção do sistema capitalista e pela direita como instrumento anticapitalista. As notícias são, portanto, encaradas como distorções sistemáticas a serviço dos interesses políticos.

Em oposição às teorias da ação política emergem, nos anos 70, as **teorias construtivistas**. Pela primeira vez, é claramente refutada a idéia de que a notícia possa refletir a realidade. Isso seria impossível uma vez que, segundo esse filão de investigação, os meios ajudam a construir a própria realidade. Outro argumento é que a linguagem não pode funcionar como transmissora direta de significado inerente aos acontecimentos, uma vez que não existe uma linguagem neutra. O paradigma das notícias como construção não implica, contudo, que elas sejam ficção. Segundo Tuchman (apud Traquina, 2002, p. 95), “dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixá-la, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, a notícia, como todos os documentos públicos, é uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna”.

As teorias construtivistas influenciam as teorias estruturalista e interacionista, que conquistaram muitos adeptos nos anos 1960 e 1970. Sobre elas, Traquina (2002) explica que ambas rejeitam a teoria do espelho e consideram que as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais. Além disso, sublinham a importância da cultura jornalística, nomeadamente a estrutura dos valores-notícia, e reconhecem as notícias como narrativas. As notícias são vistas como narrativas e os jornalistas como participantes da construção social da realidade, por meio das notícias.

As duas teorias também têm diferenças importantes. A **teoria estruturalista**, de herança marxista, se propõe a investigar o papel dos meios de comunicação na reprodução da ideologia dominante. Nesse ponto, sofrem influência também das teorias da ação política. As notícias seriam construídas a partir de fatores como a organização burocrática dos meios de comunicação, os valores-notícia e certos valores culturais embutidos na sociedade. Diz Traquina (2002) que, nessa teoria, não há forma de conceber um espaço de manobra por parte dos jornalistas; estes nunca tomam a iniciativa, nunca desafiam os “definidores primários” (estrutura de poder dos veículos), por exemplo por seu próprio trabalho. Não há processo de negociação.

Para a **teoria interacionista**, as notícias são resultado de processos de interação social não só entre jornalistas e fontes, mas também entre os próprios jornalistas (vistos como membros de uma comunidade profissional). Essa interação se dá a partir da troca de experiências, favores e opiniões, e seria parte decisiva na formação de consenso quanto a determinados procedimentos do jornalismo. A teoria enfatiza a tirania do fator tempo no trabalho dos jornalistas e sua influência sobre o resultado final do trabalho. Muitos de seus autores dedicam-se a estudar as rotinas de produção do jornalismo na tentativa de compreender como elas influenciam no produto final. Eles reconhecem o peso dos “definidores primários” nas decisões tomadas nas empresas jornalísticas, mas “admitem a possibilidade de outros agentes sociais conseguirem mobilizar o campo jornalístico para seus objetivos comunicacionais” (Traquina, 2002, p. 114). Além disso, reconhecem o poder do jornalista na definição do que é notícia e como será construída.

A descrição, em linhas gerais, das principais teorias do jornalismo nos permite observar como o jornalismo enquanto campo de estudo acadêmico foi aos poucos ganhando corpo e tornando-se mais complexo. A notícia, de início encarada como algo “natural”, reflexo de uma realidade reproduzível, passou a ser vista como uma construção, produto de diversas influências. De mero reproduzidor de fatos, o jornalista por sua vez passou a ser encarado como alguém que participa ativamente do processo de produção da notícia. Por outro lado, em nenhuma dessas teorias o receptor é tido como alguém que integra de fato o processo de comunicação, como propõe Martín-Barbero (2002).

É da perspectiva de um olhar ampliado que incorpora o receptor na trama comunicacional que, no próximo capítulo, damos continuidade à discussão de textos dos blogs, agregando como elemento fundamental de análise a participação dos leitores. Essa participação é interpretada a partir do que eles escrevem nas áreas de comentários. Nesse esforço, os textos dos jornalistas e os dos leitores, em conjunto, são encarados como local onde também se processa a mediação jornalística – aqui compreendida da perspectiva de Martín-Barbero (2001) não apenas como sinônimo de intermediação, mas como lugar de articulação e produção de sentido, o que, neste caso, inclui o receptor no jogo comunicacional. Para o nosso propósito, o texto, elemento muitas vezes epistemologicamente simplificado, torna-se primordial do ponto de vista da produção/circulação/recepção jornalística (Resende, 2002).